

# Legado clássico no Renascimento e sua recepção:

contributos para a renovação  
do espaço cultural europeu

Nair de Nazaré Castro Soares,  
Cláudia Teixeira (Coords.)

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

**A UNIVERSALIDADE DE CAMÕES NOS FUNDAMENTOS DE UMA  
EUROPA SEM FRONTEIRAS: ALGUMAS TRADUÇÕES D’*Os LUSÍADAS***  
(Camões universality in the foundations of a Europe without borders: some  
translations of portuguese epic poem *Os Lusíadas*)

HENRIQUE DE ALMEIDA CHAVES (henriquealmeidachaves@hotmail.com)  
Università degli Studi di Roma Tre, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos  
da Universidade de Coimbra

RESUMO – Camões, através do seu poema épico *Os Lusíadas*, com as suas múltiplas traduções, incorpora uma estrutura intemporal mítica, oferecendo com um tipo de ‘metáfora narrativa’ uma reinterpretação do mundo em que o Humano é o pilar central.  
PALAVRAS-CHAVE – Camões, *Os Lusíadas*, tradução, Juromenha, herói, mito, Paggi, Fanshaw, Voltaire.

ABSTRACT – Camões, through his epic poem *Os Lusíadas*, with its multiple translations, incorporates a timeless mythical structure, offering with a kind of ‘narrative metaphor’ a reinterpretation of the world where the Human is the central pillar.

KEYWORDS – Camões, *Os Lusíadas*, translation, Juromenha, hero, myth, Paggi, Fanshaw, Voltaire.

Numa Europa contemporânea desarticulada em termos políticos e culturais, trabalhos desenvolvidos em torno dos seus fundamentos contribuem para a retoma das várias identidades individuais que constituem a solidez de uma identificação, de um sentido universal através de uma sistematização de intervenientes interativos, sem fronteiras, que constituem a uniformidade da civilização ocidental e alicerçam o sentido do Humano. O estímulo da dialética das crises passa por recuperações simbólicas e míticas que preenchem expectativas sem contraditórios, aniquilando a insegurança e as dúvidas, iluminando a profunda verdade do inconsciente humano.

Camões, poeta mítico da sugestão, elabora uma obra universal aberta à livre reação do leitor, produzindo um texto épico que contribui para afastar as indefinições e realizar deliberadamente uma ‘segurança’ mítica e simbólica, indispensável para a expressão de uma cultura universal.

A cultura, para além de um depósito de informação, é um mecanismo que cria um conjunto de textos literários, de formas artísticas, pressupondo uma viagem literária para além das fronteiras políticas.

Claro está que os suportes físicos, realidades textuais, testemunhos e tradições inerentes a uma cultura não podem ser transportados para outra cultura mantendo a sua integridade. Com a tradução perde-se a integridade originária, o suporte físico-cultural da obra a traduzir, o que nos levaria a uma

reflexão mais profunda sobre o estatuto paradoxal da vida histórica da arte e da sua própria interpretação.

No magistral trabalho do filólogo George Steiner, *After Babel*, abre-se um campo de discussão tentando situar a tradução no núcleo da comunicação humana e estudar como as construções submetidas à *traduzibilidade* entre as diversas línguas requerem todo um trabalho filosófico sobre a consciência e sobre o significado do significar. A tradução está implícita em qualquer ato de comunicação, pois «compreender» significa sempre «decifrar», mesmo quando a comunicação se dá dentro do mesmo código linguístico. A percepção da intenção de comunicar é já uma tradução. *After Babel*, além de traçar uma poética geral da tradução, propõe uma interrogação sobre a própria natureza da linguagem e sobre a impossibilidade das teorias darwinianas darem conta da multiplicidade das linguagens humanas. Portanto, os meios e os problemas essenciais do ato da tradução, do ponto de vista da estrutura e da execução, estão todos presentes nos atos do discurso, da escrita e da codificação pictórica no interior de qualquer língua<sup>1</sup>. E dentro de toda esta multiplicidade, Steiner sublinha a universal importância da sensibilidade dos poetas e dos romancistas e de todos os que amam a língua e sentem, através dela, a sua força formadora.<sup>2</sup>

O poema épico, *Os Lusíadas*, em ‘dez cantos perfeitos’ com versos decassilábicos em oitava rima, de temática nacional alicerçada em mitos universais vai ultrapassar limites políticos e geográficos, inspirar artistas e condicionar um variado tipo de produções no campo humanístico. As edições do poema, após a *Editio Princeps* de 1572 com indubitavelmente várias tiragens, acontecem a um ritmo fascinante: 1584, 1591, 1597, 1607, 1609, 1613 e assim por diante. Acrescente-se a este sucesso editorial a publicação póstuma das *Rimas* em 1595, 1598, 1607, 1614, 1616 e 1621 e constata-se para além da competência intertextual do leitor o claro estabelecimento de uma isotopia mítica inerente à dimensão superior do Poeta.

Refutando a ideia da crítica dos nossos dias de categorizar de obsoleto o poema épico devido à laicização da sociedade contemporânea, mas recuperando a chave de leitura simbólica e mítica na constituição e reelaboração de uma consciência nacional – não balizando em leituras de ‘esquerda’ ou ‘direita’ o poema épico –, estabelece-se de alguma maneira a solidez mítica dos antigos baseada numa incrível riqueza imagética construída em peripécias narrativas tornadas legendárias por um herói nacional.

O poema camoniano, ainda no decorrer do século XVI, parece suscitar o interesse dos tradutores. Pensa-se ter havido, além de uma versão latina feita hipoteticamente por João de Melo e Sousa, morto em 1575, uma outra

---

<sup>1</sup> Steiner 1995: p. 12.

<sup>2</sup> *Idem*: 18.

francesa anónima, desaparecida – que o Visconde de Juromenha, no volume I do seu monumental trabalho sobre Camões, conjectura ter sido feita por Simão Goulart, que traduziu *Osório e Castanheda* (1587) e parece que seguiu a História de Portugal até à perda de D. Sebastião<sup>3</sup>.

Inicia-se a viagem além-fronteiras através da isotopia camoniana com a primeira tradução d'*Os Lusíadas* em castelhano por Benito Caldera, português com data de nascimento e morte incertas, sabendo-se unicamente que fez este trabalho ainda jovem e que no fim da vida entrou para a ordem do real convento de S. Filipe, em Madrid. É o primeiro documento de receção d'*Os Lusíadas* numa língua estrangeira. O Visconde de Juromenha dá como possível o facto do vate português ainda ter visto este exemplar traduzido da sua obra<sup>4</sup>.

A tradução de Benito Caldera, supostamente com Camões ainda vivo se concordarmos com o Visconde de Juromenha, que dá como data provável de publicação, abril de 1580, na aprovação inicial, depois do privilégio do Rei, menciona que a poesia d' *Os Lusíadas* é feita à imitação da *Eneida* de Virgílio e que a tradução é «tão própria, polida, sonora e numerosa, que corresponde em tudo à grandeza do sujeito»<sup>5</sup>.

Ora, nesta «aprovação», estabelece-se, pela primeira vez, um paralelo com Virgílio, que será sempre recorrente no decorrer dos séculos e das traduções.

A imitação do património literário greco-latino nas suas formas puras como meio para o enriquecimento da língua nacional é uma das propostas do Renascimento. Exemplo disso, na língua italiana, são Dante, Petrarca, Ariosto e Tasso. Apesar de Camões ter a consciência de que a História de Portugal com a vertente dos Descobrimentos era de grande inovação relativa à temática dos modelos clássicos e dos seus contemporâneos não deixa de, no seu poema, imitar esses mesmos modelos. Virgílio é o modelo de Camões para a dimensão mítica. Isto é, Virgílio, em vez de cantar as gestas de Augusto, refugia-se no mito, a sua temática diz respeito a um passado longínquo, onde um herói, Eneias, juntamente com as suas gentes, vai à procura de uma nova pátria, em obediência à vontade dos deuses. Camões, pelo contrário, serve-se do mito para cantar as gestas dos portugueses, alcançando estes, por fim, uma dimensão mítica. A ideia que vai emergindo no decorrer do percurso de Eneias é aquela da fatalidade do nascimento de Roma, enquanto o que vai emergindo no decorrer da epopeia camoniana, é a glória dos portugueses e da sua história imperial.

Camões demonstra conhecer os modelos, imita-os e recria-os. Temos, assim, o poema épico. Esta poesia heroica nasce do divino, da mitologia, isto, segundo o criador da primeira filosofia do mito, Giambattista Vico, que, em

---

<sup>3</sup> Juromenha 1860 vol I: 253.

<sup>4</sup> *Idem*: 224.

<sup>5</sup> *Ibidem*: 223.

1725, publica *Pincipi di scienza nuova d'intorno alla comune natura delle nazioni*, onde tece várias considerações a este respeito. A poesia heroica, para Vico, nasce do divino, tal como o homem, aceitando os princípios mais íntegros do cristianismo. No entanto, a poesia é conhecimento que se desenvolve entre sonhos e fantasias que são próprios do espírito («età della fanciullezza»), depois a razão vai-se afirmando gradualmente, não procurando a fábula mas dirigindo-se aos conceitos: do jovem que sonha nasce, o homem que raciocina.

Esta tradução de Benito Caldera vai ser invocada por Miguel de Cervantes na novela pastoril *Galatea*, publicada em 1585. No «Canto de Calíope», livro VI, temos o seguinte: «Tan famoso le hace adonde quiera:/ con el debido aplauso, y el decoro/ debido a ti, Benito Caldera,/ y a tu ingenio sin par, prometo honrarte,/ y de lauro, y de hiedra coronarte»<sup>6</sup>. Cervantes recebe este «singular tesoro» erigido «en nueva forma» coroando o tradutor com louros e heras.

Os *Lusíadas* e Camões saem, assim, do universo português através da língua castelhana, provocando logo a reação, em 1585, de Cervantes. Não nos esqueçamos que Cervantes passa por Lisboa depois da Batalha de Lepanto e pela cidade se enamora. Esta reação insere-se num contexto simultaneamente geográfico e cultural referente ao aparecimento da tradução. Isto é, nesta edição de Alcalá, intervêm, nos preliminares dois poetas anónimos e um grupo de poetas amigos de Cervantes e de Lope de Vega, (o Licenciado Garay, Luis (Galvez) de Montalvo, Vergara e Pedro Laínez, que escreve a *Epistola al Lector*)<sup>7</sup> que fomentam todo um *horizonte de expectativa* do poema português.

Logo de seguida, e no mesmo ano de 1580, e entre as edições portuguesas de 1572 e 1584, sai uma outra tradução, sob a égide da Universidade de Salamanca, também em castelhano, mas desta vez feita por um espanhol, Luis Gómez de Tapia, que vai ser também o primeiro anotador do poema. Desta tradução existe uma versão manuscrita do século XVIII<sup>8</sup>. Com um grupo de colaboradores humanistas, D. Luís de Gongora estreia-se aqui, aos dezanove anos de idade com uma canção onde enaltece o valor português e exalta os heróis da Índia. Na «Dedicatória» a Ascanio Colona, Abade de Santa Sofia, temos novamente o paradigma mítico feito através da associação com os clássicos. É referida a tão elevada poesia que chega à *Eneida* de Virgílio, vence a Tebaida de Antimaco de Colofone ou Publio Papinio Stazio, ficando ligeiramente depois da *Iliada* e da *Odisseia* de Homero: «Pues veniendo a mis manos una tal obra en lengua portuguesa, de los claros hechos que los bellicosos portugueses en el descubrimiento de las Indias Orientales hisieron, escriptos en tã alta poesia que se llega a la Eneyda, vence la Thebayda, e es poco menos de la Iliada e Odyseea

---

<sup>6</sup> Cervantes 1995: 571 [1585].

<sup>7</sup> Alonso 1973.

<sup>8</sup> Almeida 1972: 79-124.

de Homero»<sup>9</sup>. Esta tradução de Gómez de Tapia inaugura uma tradição, que iremos encontrar setenta e nove anos mais tarde na tradução italiana de Carlo Antonio Paggi e sucessivamente naquelas do século XIX de Gazano e Nervi, tal como nas traduções francesas de Duperron de Castera e La Harpe, que é traduzir *Os Lusíadas* por *La Lusiada*, por associação com a *Eneida*.

O início da constituição de Camões como mito é peninsular. As primeiras associações com os mais importantes poemas épicos da cultura clássica em que se produz um discurso crítico valorativo ou pejorativo a propósito d'*Os Lusíadas* é através do castelhano. É através desta língua e desta cultura que se elabora, se adensa e se projeta o aspeto universal do mito camonianiano. Estamos unicamente ao nível das traduções do poema épico português que vão criar um *horizonte de expectativa*, o qual fomentará a apetência para se escrever um estudo crítico de toda a sua obra tal como uma biografia, como iremos ver posteriormente.

Ainda a terceira tradução d'*Os Lusíadas* é em castelhano, feita por um português oriundo do Porto, ao serviço de Castela, durante alguns anos, no Perú e de nome Henrique Garcez (1525-1593), com data de publicação em 1591, em Madrid, no mesmo ano em que foi reeditada a edição censurada dos «Piscos», em Portugal. A este tradutor, que traduziu Petrarca em espanhol, faz menção Miguel de Cervantes no, já por nós citado poema *Galatea*, onde no livro VI, *Canto de Caliope* lhe tece os mais gloriosos elogios. Diz o seguinte: «De un Enrique Garcés, que que al piruano / reino enriquece, pues con dulce rima, / con sutil, ingeniosa y fácil mano, / a la más ardua empresa en él dio cima, / pues en dulce español al gran toscano / nuevo lenguaje ha dado, y nueva estima, / ¿quién será tal que la mayor le quite, / aunque el mesmo Petrarca resuscite?»<sup>10</sup>.

Esta tradução dirigida a Filipe II de Espanha inclui depois do título, dois sonetos dedicados ao rei, o que é compreensível devido ao amor, reconhecido na época, que o monarca tinha pelas letras portuguesas. Este interesse do monarca pelas letras portuguesas e, sobretudo, por Camões, contribuiu decididamente para a difusão e divulgação do poema, tendo a partir daí uma inúmera quantidade de traduções espanholas como edições em Portugal e fora da Península.

É na Península, e nas primeiras traduções, que se constitui e se modela esta imagem de um Camões mítico, que depois se irá espriar nas várias literaturas europeias, especialmente na literatura italiana do século XIX. Corroborar esta ideia Manuel de Faria e Sousa, Cavaleiro da Ordem de Cristo e da casa Real Espanhola, que, em 1639, quando publica a sua edição comentada d'*Os Lusíadas* (com uma biografia de Camões, a terceira cronologicamente) introduz vários textos laudatórios sobre o poeta português, entre eles o soneto de Tasso em louvor de Vasco da Gama. Faria e Sousa vai ser a fonte não

---

<sup>9</sup> Juromenha 1860: 224.

<sup>10</sup> Cervantes 1995: 580-581.

só das traduções espanholas sucessivas como das traduções europeias. A sua biografia de Camões, com alterações, acrescentos e reinterpretações vai-se tornar a vulgata da vida do poeta que, posteriormente, iremos encontrar em vários autores italianos do século XIX.

Fora da Península, a primeira tradução d'*Os Lusíadas* que chegou até aos nossos dias é a inglesa de Sir Richard Fanshaw (1655), embora o Visconde de Juromenha dê notícia de duas traduções francesas, anónimas, uma ainda durante o século XVI, outra de 1612. Conjetura sobre a existência destas traduções na sequência do epitáfio composto pelo padre Mateus Cardoso, mandado pôr sobre a campa de Camões, e na sequência da dedicatória de Diogo Fernandes na edição de 1609 d'*Os Lusíadas* em que refere a existência desta tradução do século XVI mencionando contudo que nunca a vira. O Visconde de Juromenha esclarece: «Consultando sobre este assumpto [a tradução anónima francesa do século XVI] Mr. Ferdinand Denis, pessoa a mais apta, pelo grande interesse que tem sempre tomado pela nossa literatura, a qual tem enriquecido de copiosas e interessantes obras, teve a obsequiosa bondade de me responder o seguinte: “Depuis que j'ai eû l'avantage de vous écrire, j'ai acquis la certitude que Baillet dans ses *Jugements des sçavants*, tom. 4<sup>o</sup>. pag. 442, disoit positivement que les *Lusíades* avaient été mises en français dans le seizième siècle. L'abbé Gouget, avec son bon sens habituel, s'exprime ainsi: «C'est tout ce qu'il dit de cette traduction que personne ne connaît et que peut-être n'a jamais été imprimée, s'il est vrai même qu'elle ait existé». Não podia ser, como bem observa Mr. Ferdinand Denis, Nicolau Grouchy que traduziu a *Castro* do nosso Ferreira, porque este falleceu no anno de 1572 na Rochella; conjeturo se existiu esta tradução que fosse feita por Simão Goulart, que traduziu Osorio e Castanheda (1587), e parece que seguiu a História de Portugal até a perda d'El-Rei D. Sebastião»<sup>11</sup>.

O intelectual francês e estudioso da literatura portuguesa, interpelado pelo Visconde de Juromenha questiona-se sobre a existência da referida tradução e é provável que tenha sido já uma conjetura do Padre Mateus Cardoso, através de uma possível informação oral que correria nos finais do século XVI, devido à movimentação diplomática francesa que se verificava nas cortes portuguesa e castelhana desta época. Se estas traduções são conjeturas, então a primeira tradução d'*Os Lusíadas* fora da Península e a primeira do universo das culturas germânicas é a inglesa de Fanshaw. Em meados do século XVII, quando em Espanha se tinha deixado de traduzir o poema português, porque se fugia um pouco da mitologia pagã para se poder alternar com o maravilhoso cristão dentro do espírito da Contra Reforma, em Londres, sai esta tradução de Fanshaw.

Sir Richard Fanshaw (1608-1666) ou Fanshawe, como aparece na tradução d'*Os Lusíadas*, intelectual e diplomata inglês com várias missões diplomáticas

---

<sup>11</sup> Juromenha 1860: 252-253.

em Espanha vai ser padrinho de casamento do Rei Carlos II de Inglaterra, aquando das bodas com a Infanta D. Catarina de Bragança, filha de D. João IV. É nomeado, após a restauração de Carlos II, em Inglaterra, para colaborar na negociação do matrimónio do seu soberano com a Princesa portuguesa. Conhecedor da língua castelhana, com várias missões diplomáticas em Madrid, é através da Espanha que Sir Richard Fanshaw vai ter contacto com as várias traduções d'*Os Lusíadas* e com a biografia de Camões. Poder-se-ia especular se não terá sido mesmo Faria e Sousa a dar-lhe a conhecer Camões. Faria e Sousa, quando se encontrava em Espanha, frequentava a corte como Cavaleiro da Casa Real e Fanshaw como diplomata em Madrid, desempenhos que facultariam o encontro e conhecimento dos dois intelectuais. Todavia, para um inglês que vivia em Madrid nesta época, era quase impossível ignorar a língua e literatura portuguesas uma vez que em Espanha havia uma certa popularidade da nossa cultura, devido à recente dominação filipina e à ainda mais recente Restauração.

Esta tradução aparece-nos documentada, como aquela de Faria e Sousa, em castelhano e dezasseis anos antes, com vária iconografia relativa ao assunto do poema. Temos assim os retratos de corpo inteiro, de Camões, do Infante D. Henrique e de Vasco da Gama. E, antes de iniciar a tradução, Fanshaw insere o célebre soneto de Tasso – *Vasco, le cui felici antenne* –, em tradução inglesa, como também uns versos alusivos à vida aventureira do poeta. Este diálogo incessante com Faria e Sousa, tradutor e comentador de Camões é já notório e vai postular uma uniformidade da fonte nas várias traduções europeias d' *Os Lusíadas*.

O escocês Wiliam Julius Mickle (1734-1788) vai ser o autor da segunda tradução do poema épico português, publicado em Oxford. Autor de uma tradução que fez reimprimir dez edições devido a uma enorme popularidade, Mickle, que remete a sua primeira leitura d'*Os Lusíadas* para Duperron de Castera, não pode deixar de referir a tradução do seu antecessor. Não podemos deixar de concordar com Quilinan (1791-1851), nascido no Porto, de família inglesa, genro de Wordsworth e também ele tradutor dos cinco primeiros cantos d'*Os Lusíadas*, que ao ser interpelado pelo Visconde de Juromenha sobre a tradução de Mickle observa: «[...] É óbvio que era bem pouco conhecedor da língua de Camões, auxiliando-se nos seus embaraços pelo constante recurso da tradução de Castera. Não poucas vezes se socorreu também da tradução de Fanshaw, e igualmente em algumas ocasiões, postoque com negligência e ignorancia, dos commentarios de Faria e Sousa. O seu trabalho comtudo escripto em verso heroico é o unico até hoje recebido entre nós, como uma bella tradução dos *Lusíadas*, e mereceu o elogio de escriptores que estavam no caso de fazerem um juizo mais exacto, como o meu sempre chorado amigo Mr. Southey»<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Juromenha 1860: 273-274.



As fontes em absoluto seriam Faria e Sousa (1639), depois Fanshaw (1655), depois Duperron de Castera (1735), depois Mickle (1776) e assim sucessivamente.

Na Alemanha damos-nos conta de uma receção d'*Os Lusíadas* e de Camões já numa atmosfera literária pré-romântica. Os românticos alemães vão-se ocupar de Camões literária e biograficamente. Recebem as fontes através de Inglaterra ou França, analisam-nas, reinterpretem-nas e adaptam-nas. Vai ser uma geração de grande fortuna na Europa romântica e Camões reentra nas culturas europeias através do universo teórico do romantismo alemão. A receção literária de Camões na Alemanha começa no século XVIII<sup>13</sup>, com a tradução dos episódios de Inês de Castro e do Adamastor, em prosa, por J.N. Mainhard (1727-1767) e propaga-se pelo século XIX, com o caso da História da Literatura de Friedrich Bouterwek (1766-1828), dos irmãos Schlegel, de Johann Gottfried Herder (1744-1803), do Conde August Von Platen (1796-1835), de Ludwig Tieck (1773-1853) e Emanuel Geibel (1815-1884)<sup>14</sup>, que traduziram alguns excertos da obra camonianiana. No século XVIII, na Alemanha, sai ainda uma gramática, *Portugiesische Grammatik*, de J. A. von Junk, na qual são inseridos alguns passos d'*Os Lusíadas*, e em 1786 sai pela primeira vez a primeira versão em rima do Canto I, na revista *Magazin der Spanischen und Portugiesische Literatur*, por S. von Seekendorff. Mas a primeira tradução integral só vai aparecer no início do século XIX. A primeira versão integral sai em duas edições quase contemporâneas, uma de C.C. Heise (Hambourg-Altona, 1806-1807) e outra de F.A. Kun, Leipzig, 1807, com segunda edição em Viena 1816). Sai ainda uma edição sem indicação de data e de local de publicação, mas provavelmente publicada em Berlim, em 1810, da responsabilidade de J.E. Hitzig e dedicada a W. von Humboldt<sup>15</sup>. A questão da receção de Camões na Alemanha começa a dimensionar-se com os românticos e, posteriormente com a influência que vão ter na Europa, sobretudo na literatura italiana do século XIX.

A seguir ao documento de receção na língua inglesa que é a tradução, como já vimos, de 1655 de Fanshaw, temos, três anos depois (1658), a tradução em italiano de Carlo Antonio Paggi, publicada em Lisboa. Depois, só em 1735 - e ultrapassando as traduções parcelares - temos um outro documento de receção de Camões na Europa: a tradução integral d'*Os Lusíadas*, por Louis Adrien Duperron de Castera, com uma biografia do poeta, em francês, publicada em Amesterdão e com segunda edição em Paris, 1768. Esta tradução, posteriormente identificada na vulgata italiana como 'a tradução de Castera', insere o poema de Tasso e vai ser a base de algumas traduções ou documentos de receção, na Itália do século XIX.

---

<sup>13</sup> Storck 1889: 26-29.

<sup>14</sup> Von Reihhardtstoettner 1889: 9-18.

<sup>15</sup> Nagel 1981: p.787.

Louis Adrien Duperron de Castera, diplomata e literato francês, nasceu em Paris em 1707 e em 1735, aos vinte e oito anos, publicou a primeira tradução integral e em prosa d'*Os Lusíadas*. Insere no início de cada canto a sua síntese e no final um aparato de notas, onde sobressai, como aliás já notou o Visconde de Juromenha, um conhecimento da mitologia clássica, aliado a uma certa erudição. Posteriormente, num outro livro em dois volumes: *Entrétiens Litteraires et Galants*, insere uma notícia sobre Camões. Opõe-se esteticamente a Voltaire relativamente às suas considerações, dentro do espírito iluminista, de carácter racional, e sem nenhuma concessão ao entusiasmo, sobre Camões no seu *Essay upon the Epic Poetry of the Europeen Nations from Homer to Milton*, de 1727, reimpresso em francês, em 1733, com o título: *Essai sur la poésie épique*. Voltaire não conhecia nem o castelhano nem o português, o que não lhe permitiria ser um leitor acuradamente crítico do poema épico português. A este propósito, Tomás José de Aquino, na sua edição das *Obras de Luís de Camões*, em 1782 (quarenta e sete anos depois da primeira edição de Castera) na rubrica *Ao Leitor*, insere todos os passos da tradução inglesa de Mickle (1776 - trinta e um anos depois da primeira edição de Castera) em que ele rebate as posições de Voltaire do seu *Essai sur la poésie épique* a propósito de Camões. Destaca propositadamente os excertos em que Mickle sobressai a ignorância de Voltaire relativamente à língua portuguesa e o facto do filósofo iluminista se ter guiado pela medíocre tradução de Fanshaw para tecer as suas considerações sobre a poesia épica e sobre Camões. Sabe-se que Voltaire conhecia a língua inglesa e se encontrava em Inglaterra quando preparava o *Essai*. Tomás de Aquino, com a sua visão eclesiástica, aproveitando a reacção da recepção de Voltaire em Mickle, critica duramente o iluminista: «Mas he digno de notar-se, que o Traductor descobrio de onde tirou Voltaire a sua noticia de Camões; porque achando ele alguns defeitos criticados por Voltaire, que não existem em Camões; e no nesmo tempo achando, que estes defeitos existem na miseravel traducção na lingua ingleza, feita por Fanshaw, conclue com razão, que Voltaire não teve outro conhecimento do nosso Author, senão o que apprehendeo pela lição daquella traducção, que não representa o seu original com fidelidade; pois além de não ter espirito Poetico algum, tem varios equívocos, conceitos, e expressões baixas, que não se achão no original, os quaes, porém, o desavergonhado Voltaire, com mão liberal dá todos a Camões. Esta ignorancia de Voltaire confirma o Traductor por huma informação, que recebeo depois da publicação da primeira edição da Lusíada na lingua Ingleza, e he: Quando Voltaire ainda tinha na Imprensa em Londres o *Ensaio Sobre a Poesia Epica*, por acaso mostrou huma folha das provas delle ao Coronel Bladon, Traductor dos Commentarios de Cesar. O Coronel que tinha estado em Portugal, perguntou a Voltaire, se havia lido a *Lusíada*, e elle respondeo, que nunca a tinha visto, nem sabia a lingua Portugueza»<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> *Obras de Luís de Camões* 1782: 50-51.

No seu transparente racionalismo, Voltaire não poderia aceitar a mistura do real e do fantástico. Todavia, a forma como recebe *Os Lusíadas* é duvidosa. A imagem é recebida e repelida. A representação de uma realidade cultural estrangeira chega-lhe através de uma tradução que não tem mais do que a pretensão de representar essa mesma realidade cultural. O assunto, a coesão e a dimensão histórico-cultural do poema épico, perde-se na tradução, que chega ao crítico dissecada, desfigurada, portanto, transfigurada. Nesta advertência ao leitor, Tomás de Aquino contribui implicitamente para a visão paradigmática de Camões e d'*Os Lusíadas* como mito e símbolo pois a advertência a Voltaire é feita por Bladon tradutor dos *Comentários* de César (Camões/César).

Duperron de Castera, contemporâneo do filósofo francês mas fora do racionalismo iluminista, contradi-lo na sua própria língua, através do mesmo universo cultural, apercebendo-se de que a repulsa da receção voltairiana de Camões é devida ao reenvio de uma imagem através de uma outra cultura. E por isso tenta, pontualmente, contradizer e explicar a atitude crítica de Voltaire.

Esta tradução de Castera, além de ser feita em francês por um autor que tinha conhecimentos da língua portuguesa, dá-nos conta de um horizonte de expectativa na língua francesa, por consequência no iluminismo. Certo de prestar à sua pátria um importante serviço, Castera explica a sua tradução do seguinte modo: «Persuadè d'une maxime si juste & si nobile, j'ai cru que je ferois un vraie présent à ma Patrie, en lui donnant dans notre langue la Lusiade du Camoëns, qui peut passer pour l'un des plus beaux Poëmes, qu'on ait jamais lûs depuis Homere & Virgile»<sup>17</sup>.

A «beleza» única do poema comparado a Homero e Virgílio é um *topos* acentuado por este tradutor que prosseguirá nas múltiplas traduções nas línguas modernas da Europa. Neste trabalho, e ao reelaborar a biografia de Camões, Castera intercala, servindo-se de um método autoesquediástico, versos camonianos que possam ilustrar e fundamentar as afirmações biográficas.

Uma outra tradução do século XVIII em França é aquela do poeta, dramaturgo e crítico literário Jean François de La Harpe (Paris 1739-1803). Estas duas traduções (Castera e La Harpe) vão ser a base da futura tradução italiana de Antonio Nervi, esta última com uma enorme receção na Itália do século XIX. Temos novamente a fonte inicial de Faria e Sousa já com as contaminações das várias traduções europeias. La Harpe foi também a fonte para a primeira tradução russa do poema épico português feita por Alexander Dmitrieff em 1788, segundo o Visconde de Juromenha.

A primeira tradução italiana do genovês Carlo Antonio Paggi apresente uma belíssima gravura, de gosto seiscentista onde se vê representado Camões, coroado pela apoteótica e triunfal coroa de louros, a ler *Os Lusíadas*, e segurando

---

<sup>17</sup> *La Lusiade* 1769: VI.

o livro com a mão esquerda. Ao seu lado direito está a Fama que, no degrau superior, que lhe dá o braço e, com um pé calçado e outro descalço (simbolizando a pobreza material do Poeta português), o vai acompanhando na sua ascensão para a notoriedade. A Fama que não é propriamente uma divindade mas a personificação literária da voz pública tem a trompeta na mão esquerda para divulgar o poema épico português. Antes da faixa superior onde se lê: *Lusíada italiana di Carlo Antonio Paggi*, temos o nome manuscrito de Cristóvão Alão de Moraes [1632-1693]. Em baixo lê-se: *Nec sinit acceptum Nec sinit esse meum*. O sol, representado lateralmente, que se reflete num espelho inferior central simboliza a fidelidade da tradução.

Portanto, a segunda tradução integral d'*Os Lusíadas* fora do universo castelhano é aquela em língua italiana do procônsul genovês, residente em Lisboa, Carlo Antonio Paggi, no ano de 1658, dois anos depois da primeira edição da tradução inglesa de Fanshaw. Esta tradução italiana tem uma segunda edição emendada em 1659, devido à insuficiência de exemplares da primeira.

Filho do Pintor Giovanni Battista Paggi, Carlo Antonio Paggi nasceu em Génova no primeiro quartel do século XVII e morreu em 1693. Estudou Direito e Ciências Matemáticas, exercendo depois a advocacia e desempenhando alguns cargos públicos. Em março de 1656 foi nomeado procônsul da República de Génova em Lisboa, onde viveu até 1666. Homem de múltiplos interesses culturais, Paggi vai ser um atento observador da vida cultural, social, económica e política em Portugal, neste período a seguir à Restauração. Esta sua estada em Lisboa vai-lhe permitir este trabalho de tradução do poema épico português<sup>18</sup>.

Apesar de ser esta a primeira tradução integral conhecida do poema em língua italiana, Faria e Sousa, no seu monumental trabalho sobre Camões, diz que *Os Lusíadas* eram já conhecidos em Itália, uma vez que existia a possibilidade do poema épico português ter sido introduzido neste país por um grupo de emigrados portugueses depois da Batalha de Alcântara, em 1580, tradução essa não impressa. Se tivesse havido esta possibilidade, então Tasso poderia ter tido conhecimento d'*Os Lusíadas* a partir desta tradução manuscrita. Na opinião de Giacinto Manuppella, o soneto de Tasso terá sido compilado por volta de 1579. Todavia, a sua publicação é inserida no volume *Gioie di Rime e Prose*, em 1586, seis anos depois da data de chegada a Itália dos emigrantes portugueses mencionados por Faria e Sousa. Em nossa opinião, este tipo de especulações e conjeturas constituem importantes elementos da teoria da recepção. Sabemos, porém, que a informação circulava na Europa culta da época, o que permitiu a Tasso receber Camões e, sobre uma das suas personagens reais, produzir um soneto que depois será recebido em Portugal e logo inserido na edição de 1598 das *Rimas*.

---

<sup>18</sup> Manuppella 1972: 19.

Como homem culto e de grande fineza política – pois encontrava-se com uma posição diplomática em Portugal quando a sua República mantinha as melhores relações com Castela – vai dedicar esta tradução d’*Os Lusíadas* ao Papa Alexandre VII (eleito em 1655 e falecido em 1667), o da consolidação da praça da Basílica de S. Pedro e da colunata de Bernini. É um Papa culto e protetor das letras e, como nota muito bem José da Costa Miranda, «a proteção de Alexandre VII corresponderia, da parte de Carlo Antonio Paggi, a um propósito, aliás, enunciado sem reticências: lograr não só fama e acolhimento, em terras de Itália, para um notável poeta, a seus olhos digno e predestinado sucessor de Virgílio, como garantir a um poeta algo esquecido, até e muito injustamente, na sua própria pátria, um constante e esclarecido protetor»<sup>19</sup>. Paggi, ao dedicar esta tradução ao Papa, não só se propõe dar conhecimento de Camões a toda a corte de Alexandre VII, como pretende criar um *horizonte de expectativa* do poema português, não só no Estado Pontifício mas também em toda a Península Itálica. Traduz *Os Lusíadas* por *Lusíada* devido, como já vimos à associação com a *Eneida* e a *Odisseia*. Na dedicatória, estabelece logo de início o paralelismo mítico de Camões com Virgílio, afirmando que, depois da *Eneida*, mais nenhum poema se lhe equiparou e que os segundos Argonautas seriam os Portugueses: «[...] il certo è che nessun Poeta occidentale di tal lingua sortì poi la da Virgilio bramata felicità di cantare speditione più confacente alli secondi Argonauti che la de' Portoghesi all'Oriente Luigi Camões, Poeta Lusitano, e con l'applauso di tutte le nazioni [...]»<sup>20</sup>.

A sua afirmação decidida acentua uma Europa sem fronteiras em que a universalidade de Camões ultrapassa fronteiras geográficas e políticas, obtendo o ‘aplausos de todas as nações’.

A fama de Camões ultrapassa o universo cultural português e ganha o aplauso de «todas as nações», transmite Paggi a Alessando VII, para que em Itália o processo fosse o mesmo do que em «todas as nações». O certo é que Camões era na verdade falado nos meios cultos da Europa de fins do século XVI e meados do século XVII, não só através da alta nobreza que viajava, como através de uma incipiente burguesia, que se dedicava ao comércio mas que, eventualmente, tinha presente o que se ouvia contar de um poeta português com desaires na corte que emigrara para a Índia e que escrevera um poema épico. Paggi dá-nos, certamente, conta disso ao referir a fama de Camões. Não nos esqueçamos, porém, que a tradução e os comentários de Faria e Sousa são de 1639 e aí, ao sistematizar informações sobre Camões, redimensiona o modelo e impulsiona o mito do vate lusitano para fora do universo castelhano e português. Paggi indubitavelmente consultou esta edição de Faria e Sousa. Ao

---

<sup>19</sup> Miranda 1986: 101; 1979: 265

<sup>20</sup> Paggi 1658: 2.

dedicar a sua tradução ao Papa tinha que estar consciente do aparato mitológico do poema ser uma alegoria católica – discussão que se fazia notar na época, de acordo com a tradição aristotélica da *Poética* sobre o princípio da imitação, a fidelidade ao modelo, o conceito de verosimilhança –, Faria e Sousa, com a sua análise, crê encontrar n'*Os Lusíadas* o sopro divino e daí o facto de ter desenvolvido tão exaustiva empresa.

Camões, através do seu poema épico *Os Lusíadas*, com as suas múltiplas traduções, incorpora uma estrutura intemporal mítica, oferecendo com um tipo de 'metáfora narrativa' uma reinterpretação do mundo em que o Humano é o pilar central.

## BIBLIOGRAFIA

- Aguiar e Silva, Vítor (2008), *A Lira Dourada e a Tuba Canora*. Lisboa.
- Almeida, Justino Mendes de (1972), «Uma versão manuscrita da Tradução Castelhana d'Os Lusíadas por Luys Gómez de Tapia» in *Revista da Junta de Investigações do Ultramar*.
- Alonso, Dámaso (1973), «La recepción de *Os Lusíadas* em Espanha (1579-1650)» in *Boletín de la Real Academia de la Lengua*, tomo LIII, enero-abril de 1973. Trabalho ampliado nas suas *Obras Completas*, tomo II, Madrid, 1974.
- Camoens, Luis de, *The Lusiad or the discovery of India*, an Epic poem translated from the original portuguese, by Willian Julius Mickle, Oxford, Jackson and Lister, 1776.
- Camões, Luys de, *La Lusíada*, traduzida en verso castellano de Portugues por el Maestro Luys Gómes de Tapia, Vesino de seulla, Dirigida al Illustrissimo Señor Ascanio Colona, Abbadd de Santa Sophia, Con priuilegio, En Salamanca, En casa de Ioan Perier Impressor de libros, MDLXXX.
- Castera, Duperon de, *La Lusíade de Camoens*, Poème heroique sur le découverte des Indes Orientales, Traduit du portugais par Mr. Duperron de Castera, Amsterdam, 1735, 2ª. edição, Paris, 1769.
- *La Lusíade de Louis de Camoens*, Poeme Heroique en dix chants, Nouvellement Traduit du Portugais avec des Notes et la vie de l'auteur enrichi de figures a chaque chant, II vol., Paris, 1776.
- *La Lusíade de Camoens*, Poème heroique sur le découverte des Indes Orientales, Traduit du portugais par Mr. Duperron de Castera, Amsterdam, 1735, 2ª edição, Paris, 1769.
- Cervantes, Miguel de, *La Galatea*, Edición de Francisco Estrada y María Teresa López García-Berdoy, Madrid, Ediciones Cátedra, 1995. A primeira edição é de 1585.
- Fanshaw, Richard, *The Lusíad, or, Portugals Historicall Poem: Written in the Portugall Language by Luis de Camoens; and now newly put into English*, London, Humphrey Moseley, 1655.
- Juromenha, Visconde de, *Obras de Luís de Camões Precedidas de um Ensaio Biographico...*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1860, vol I.
- Manuppella, Giacinto, *Camoniana Italica*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Italianos, 1972.
- Martinengo, Alessandro «Il genevose Carlo Antonio Paggi e la *Lusíada Italiana*», in *Annali. Sezione Romana*, III, 1, Napoli, 1961.
- Miranda, José da Costa (1986), «Ainda acerca da versão seiscentista em Língua Italiana, de «Os Lusíadas» por Carlo Antonio Paggi» in *Arquipélago*, Vol. VII. Ponta Delgada.

- (1979), «Presença de Camões em Itália (Alguns Ocasionais apontamentos), in *Estudos Italianos em Portugal*, número comemorativo do IV Centenário da Morte de Camões. Lisboa.
- Nagel, R. (1981), «Camões na Alemanha», in *Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris.
- Obras de Luis de Camões*, Príncipe dos Poetas de Hespanha, Lisboa, Na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira, MDCCLXXXII, Tomo I, pp. 50-51.
- Paggi, Carlo Antonio, *Lusíada Italiana* di Carlo Antonio Paggi, Nobile Genovese, Poema Eroico del grande Luigi de Camões, Portoghese, Príncipe de' Poeti delle Spagne, alla Santità di Nostro Signore Papa Alessandro VII, Lisbona, Henrique Valente de Oliveira, 1658.
- Quillinan, Edward, *The Lusíad of Luis de Camoens*, Book I to V, Translated, With notes by John Adamson, London, Edward Moxon, 1851.
- Sousa, Maria Leonor Machado de (1992), *Camões em Inglaterra*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Steiner George (1995), *After Babel. Aspects of language and translation*, Oxford, Oxford University Press, 1ª. ed. 1975, 2ª. ed. 1992 [cit. da trad. italiana *Dopo Babele. Aspetti del linguaggio e della traduzione*. Milano.
- Storck, Wilhelm, «Camões na Alemanha» in *Circulo Camoniano*, I, Porto, Tipografia Elzeviriana, junho, 1889.
- Tasso, Torquato, *Gioie di Rime e Prose*, Del Sig. Torquato Tasso, Venetia, Ad istanza di Giulio Vasalini Libraro in Ferrara, MDLXXXVI.
- Von Reihhardstoettner, Karl, «A Figura Poética de Camões em Alemanha» in *Circulo Camoniano*, I, Porto, Tipografia Elzeviriana, junho, 1889.